

A terrível  
**SINA** do doutor  
Pompílio de Albuquerque

#contos  
#noitesdetempestade



Jefferson Sarmiento

Jefferson Sarmento

**A terrível sina  
do Dr. POMPÍLIO  
de Albuquerque**

A terrível sina do Dr. Pompílio de Albuquerque

Copyright © by Jefferson Sarmiento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica,  
é de responsabilidade exclusiva do autor  
e faz parte da coletânea  
Noites de tempestade

Capa  
Jefferson Sarmiento

Rio de Janeiro, 2018

1ª Edição

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida  
por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a prévia autorização do

autor

[jeffersonsarmiento.escritor@gmail.com](mailto:jeffersonsarmiento.escritor@gmail.com)

# **A terrível sina do Dr. POMPÍLIO de Albuquerque**

## **Primeiro ato**

### **De quando conheci a senhorita Inácia**

Eu, que sempre fui considerado um homem são, de índole ilibada e vida sadia como devem ser as dos senhores de bem, caí em desgraça com o destino. Perdi todas as marcas conquistadas ao longo de uma existência sem máculas por conta desse funesto e inglório sentimento chamado... amor. Ele é um vício, senhores. É uma dessas doenças que causam mal em todos os órgãos do corpo. E não sabem sua cura médicos ou outros doutores quaisquer. Nem cientistas dos mais renomados. Nem juristas. Nem autoridades outras. Ninguém. Nem mesmo... a morte. Ela não vence o amor, não o sacia. Ela apenas aplaca a dor física. Mas não estamos falando do corpo físico de um doente desses, estamos falando de sua alma; o pobre coitado vítima do amor terá perdido o seu espírito e seu destino, feito uma nau à deriva num oceano de sereias sedentas por sua carne. O barco adornará e elas se servirão até de seus ossos.

Cresci de uma família de posses, embora não me possa ser dado o título de abastado. Construí minha reputação através do nome Albuquerque que herdei de meu pai, mas também dos estudos de me-

dicina com os quais alcei notória condição social e profissional. Fui um exemplo para colegas e amigos. Fui um partido almejado por famílias outrem com belíssimos espécimes do sexo feminino e dotes irrecusáveis. De fato, os acontecimentos que me levaram à completa bancarrota moral têm vez numa tarde em que, seguisse os conselhos de meu pai, eu poderia ter traçado outro destino com a senhorita Durvália de Souza Costa. Não era bem uma diva de beleza incontestável, mas vinha de uma família de advogados considerados e de boas ligações sociais. Um de seus primos era senão Auditor de Receitas do Estado; assim escrito em letras maiúsculas em seu enorme carimbo que trazia pendurado numa delicada corrente dourada, dada pela mãe, no cinto da calça. Todos usavam suspensórios, mas o primo... ah, não. Um homem que usasse cintas, aos olhos de nossa segregada sociedade, era um ente superior e de palavra indelével.

Acontece que o primo nada tem com esta minha estória. Nem mesmo Durvália, que deixa estas linhas como uma citação aquém de sua bondade – mas certamente à altura de sua beleza irrelevante e algo contestável.

Pois na tarde daquele dia, tomando um café agradabilíssimo com o amigo Teofânio Aparente, na charmosa casa de chás de Emílio Portugal, cruza o meu destino a mulher de minhas vidas. Quantas eu tivesse, tantas entregaria a ela. E nada neste universo poderia salvar-me de tamanha angústia. Perdi-me de amores por Inácia Serrão.

Era uma moça em vestido comportado e andar resoluto, aco-

lhida na sombra de uma sombrinha com detalhes rosados como suas faces que coravam ao perceber o olhar dos homens em sua direção. No corar, descobria-se um quê de vergonha e um tanto outro de raiva pela intromissão de seres tão... vis e desrespeitosos. Brutos eles eram. E eu, dentre esses...

Exalava um charme desconcertante e sua beleza teria causado uma guerra de Tróia ainda mais sangrenta e duradoura. Grandes olhos amendoados cruzaram os meus por um fino fio temporal; nem mesmo uma casa inteira do ponteiro no relógio de bolso que papai me presenteara quando de minha formatura se havia consumido naquele curto olhar. O mesmo relógio que meu avô lhe dera. E que o avô de meu pai dera ao meu avô. O mesmo relógio que deixei no prego da Rua do Ouvidor semanas depois, apostando em dinheiro para comprar...

Estou me adiantando. Voltemos aos fatos ocorridos naquela tarde.

Parou adiante, na quina do balcão, onde o português limpava xícaras. Cochichou com ele algumas poucas palavras e o velho me apontou como uma testemunha apontaria o réu quando o excelentíssimo juiz lhe perguntasse o autor de uma desgraça sem cabimento. Meus olhos turvaram naquele instante. A moça, de cima de sua beleza celestial, virou-se com delicadeza para me perscrutar os traços. Emperdigou-se e veio caminhando como que flutuando em passos delicados como o avançar de um querubim.

– Doutor Pompílio? – ela perguntou. – Doutor Pompílio de

Albuquerque? – repetiu.

Senti um engasgo. Senti um nó subindo minha garganta como que tomado por uma síncope alucinógena: aquela mulher... aquela... moça estava mesmo à minha procura!?

Meu amigo Teofânio, tão angustiado quanto eu, escusou-se com um meneio de chapéu e deixou-me com a moça.

– Senhora? – adornei a cabeça em cumprimento. Posso afirmar que a voz me saiu trêmula e ridiculamente esganiçada. Contudo, qualquer afirmação a cerca daquele disparatado momento me seria à custa da razão. Eu devia estar suando. Como uma criatura de beleza tão sublime poderia causar tamanho desconforto a um ser humano?

– Senhorita – ela me corrigiu. – Gostaria de ter uma palavra com o Doutor. – E em seguida olhou ao redor. – Mas deve ser em local menos... – ela espremeu os lábios, escolhendo uma palavra que descrevesse o populacho e que, ainda, fosse condizente com sua natureza sutil. Em socorro aos colegas da casa de chá, informo tratarem-se de homens da mais casta moral, mas desconcertados que estavam com tamanha beleza da senhorita, haviam-se atacado de máscaras consternadas e olhares indelicados.

– Podemos conversar em meu consultório – acudí, antes que ela terminasse a frase.

– Seria perfeito, Doutor Pompílio – ela agradeceu. Ao que passamos ao caminho do passeio e de lá para o consultório.

– Preciso de um veneno, Doutor Pompílio. E de um que seja eficaz ao ponto de tirar de uma só vez a minha vida.

Arregalei os olhos de espanto e quase caí da cadeira. Afastei-me consternado e boquiaberto, enquanto as paredes do consultório, frias e brancas, ampliavam o silêncio constrangedor que se seguiu. Estavam bestificadas, creio, tanto quanto eu, embora aceite e entenda que elas, as paredes, jamais diriam nada. Tinham ouvidos, mas costumavam ser mudas.

– Mas, senhorita, que disparate é esse que me pede? Não pode entrar na sala de um homem que jurou curar as pessoas e pedir-lhe... isso! Aliás, não poderia repetir tamanha loucura para alma alguma!

– Doutor, apenas preciso! De toda feita, minha vida está acabada! O destino que se me apresenta é o motor que me impulsiona a tamanho desespero. Se não me podes ajudar – ela foi dizendo, levantando-se perturbada. Levantei-me ainda mais depressa e segurei seu braço.

– Senhorita! Jamais deixaria que sáísse de meu consultório neste estado. Por outra, ainda que nem sua graça tenha sido revelada a este esculápio, não permitirei que se retire antes que a demova de tamanho desejo infame!

– Desejo que apenas se sobrepõe ao futuro infeliz que me presenteia.

– Por favor, sente-se e explique-se. Não existe caso ou fato que possa mediamente justificar o que estás a me pedir. Sei disso. Apenas me conte e eu a ajudarei a encontrar uma saída. Diga-me: é alguma



doença?

Ela se sentou. Voltei até minha cadeira atrás da mesa e encarei-a. Ela desviou o olhar. Vi que se ruborizara e isso a deixara ainda mais bela – ainda que a lógica me acenasse com a impossibilidade de isso ser real.

– Eu me chamo Inácia. Inácia Serrão. E venho de uma família com posses tantas que meus tataranetos não teriam causa para trabalhar. Ou vinha. Porque meu querido pai caiu sem virtudes na jogatina, Doutor Pompílio. Aconteceu essa desgraça e o que é vil acaba por trazer para perto dos seus as imundícies da vilania.

– Sua família perdeu os bens, é isso? Pois que, desculpe a sinceridade, a pobreza não encontra sinônimo na desgraça, senhorita. És uma jovem cheia de beleza e há de...

– Em verdade, Doutor, o que meu pai perdeu não foram seus bens. Ou não ainda. Teria perdido, mas um homem sórdido que cruzou seu caminho ofereceu-lhe uma troca e, bêbado, meu pobre pai não teve outra chance que não o aceitar.

– Do que está falando? Que homem sórdido seria esse e que barganha propôs?

– Meu pai perdeu suas fábricas para o Barão de Alquidar, aquele monstro.

Percebi que ela levantava delicadamente o lenço para secar os olhos que marejavam. Quanto ao Barão, diziam que era um fanfarrão. Um jogador inveterado cuja vida era dada a desejos mundanos. Era

costumeiro das rodas de carteados e mulheres de vida fácil no cais e outros antros de pior fama. Anfitrião contumaz em festas para a sociedade que ele comprava com seu dinheiro farto e infinito, era também um homem de feitura tenaz. Muito gordo, com aquela horrenda verruga sobre o olho esquerdo, logo abaixo das espessas e gosmentas sobranceiras interligadas no cenho. Dizia-se que, de sua voz fina e agourenta, desfilavam impropérios e danações indizíveis por pessoas de bem. Imediatamente, minha alma se compadeceu da dor que sentia aquela moça. Mas ainda não me fora revelada toda a verdade. E minha dor tornar-se-ia, ainda, desespero e horror.

– Pobre homem. Pobre família – eu murmurei.

– Mas não é tudo. O Barão prometeu destruir minha família e meu pai aceitou os termos de seu contrato diabólico.

– E que termos seriam esses? De que contrato contas agora?

– O Barão obrigou meu pai a entregar a mão de sua filha em troca da paz de sua família.

– O quê?!

– Casar-me-ei com o Barão em uma semana.

## **Segundo ato**

### **De quando conheci meus sentimentos**

Procurei saber coisas do Barão. Antes um ser que surgia aqui e ali em fofocas de pasquim, tornou-se uma obsessão incontestada nas

horas dos dias daquela curta semana. Busquei informações em todo canto e de toda monta. Era um herdeiro de título que restara com suas rendas de família depois da expulsão que sofrera a corte, com a república nascente de há trinta e tantos anos. O título lhe fora retirado, porque o regime não mais o reconhecia. Mas os bens de família, estes, ainda lhe pagaram as contas. Contava-se, mas havia várias inconsistências em toda entrevista que fiz, que várias terras e mansões da família Alquidar teriam sido vendidas para pagar as contas dos excessos de Pedro Augusto Romão Alvarenga Castilho Bastião César Amaro de Alquidar. Não lhe restava, de sangue, sequer a mãe. E não produzia agulha para viver. Vivia, pois, de gastar o que a herança lhe deixara. E usava o título que não mais existia para abrir portas e aparentar importância.

Era um homem gordo, de barba farta a esconder as bochechas que lhe caíam pelos lados da face rosada. Tinha profundos seixos abaixo dos olhos caídos e quem o conhecia (assim diziam os conhecidos dos conhecidos dos conhecidos) descrevia às vezes uma verve abobalhada, quase idiota, e outras vezes um tom e quê de sonso e crueldade.

Fazia-se de besta, diria minha querida avó.

Naqueles dias, consultei a adorável Inácia seguidamente. Minhas preocupações iniciais com sua saúde mental e a intenção cega de acabar com a própria vida eram o motivo central.

Ou pelo menos *eram*.

Pois que, depois do segundo dia em meu consultório, encontrei

outra motivação em seus ânimos. Ou, por outra, não havia mais qualquer motivação ou qualquer ânimo. Após duas conversas em que tentei desesperadamente mostrar a ela que não podia se vender a tal intento, cri que Inácia desistira, de fato, de matar-se. No entretanto... encontrei uma mulher destruída, destituída de cor e esperança. E isso... reconhecer esse fato abalou minha existência como a de Romeu havia-se pela sorte entre Capuletos e Montéquios.

Foi em nosso terceiro encontro, as portas do pequeno escritório de consultas fechadas para a secretária que me aguardava com três clientes, que percebi o que me ocorria. E, naquele instante, face corada e olhos marejados, conheci pela primeira e única vez em minha vida crua, o sentimento de que falam homens e livros, cantos e escárnios de boteco. Quando a vi baixar a cabeça e os olhos para o chão, aceitando sua condição de alma perdida para o destino inglório, não me contive. Levantei-me, dei a volta em minha mesa e ajoelhei-me a seu lado. Tomado de uma sensação de impotência soberba e feroz, segurei sua mão entre as minhas e senti o queixo tremer.

– Lutarei com todas as minhas forças, minha... minha...

– Como podes chamar de *sua* uma mulher prometida para o próprio Asmodeu encarnado?

Atordoado, entendi que ela havia percebido, talvez antes de mim, os sentimentos que se me abatiam. Deixei sua mão e fiz menção de me afastar. Inácia, porém, pegou-me o rosto delicadamente, acariciou-me até chegar ao meu queixo quadrado e fez com que a olhasse nos

olhos.

– És um homem de decência e amor, Dr. Pompílio. És *um* entre milhares, eu enxergo isso e, mais ainda, minha alma reconheceu antes de mim mesma.

Olhava-me nos olhos com aquele azul que converteria o coração de um bárbaro. Uma tristeza profunda anunciava. Fiquei como que hipnotizado por ela.

– O que vou dizer – ela continuou – é a perdição de minha honra e a maldição de meu nome. Mas que me resta se a alma é perdida para o destino? Apenas lhe rogo que não escarneça de mim, mas ao acordar pela quinta vez esta noite, não fora por assombro de um pesadelo com o cruel Barão de Alquidar, sonho que me apavora e acompanha desde que o conheci. Hoje... e ontem... desde que o vi, neste consultório, apareces-me como o guardião de meus sonhos, Dr. Pompílio. Que mulher não se apaixonaria por tão gentil e delicado ser humano?

– Querida Inácia, o que estás a dizer?

– Sei que o tempo é ínfimo, se mal o conheço e apenas naquele café e aqui, em seu consultório, tive o gosto de conhecer seu rosto e sua voz. Mas... peço outra vez, não escarneça, encontro-me perdida-mente apaixonada pelo senhor.

Dessas paixões que te consomem o ar. Dessas que desterram seu chão. Caí por minha Inácia como os exércitos da Pérsia e da Síria caíram aos pés de Alexandre III da Macedônia, o Magno. Súbito e ar-

rebatador. Naquele instante compreendi que precisava lutar com muita força e que não poderia perder aquela batalha. Toquei seu rosto, mas o pudor não me permitiu ir além desse ponto. Ditava a honra e a decência que eu a guardasse, pois ainda que estivesse prometida a tão vilanesca figura, ainda assim *estava* prometida. Ir além desse ponto, que já era perigoso e insolente, seria manchar a honra ilibada de tão linda e triste donzela.

– A partir deste instante, minha Inácia querida, serei como que incansável na busca de um caminho que a livre do destino. E eu não descansarei um segundo. Terei êxito e força para salvá-la. Terei!

E, se havia alguma solução para mim, perdi-a quando Inácia se inclinou e encostou sua testa em minha cabeça, fechando os olhos como que procurando descanso em mim. Senti seu perfume e sua respiração. Levantei-me, atordoado. Ela veio comigo e me abraçou. Senti-me como que invadido pelo medo, desespero e pelo amor sublime e ardente que descobri sentir por aquela mulher. Abracei-a. Fechei os olhos e senti seu cabelo roçar minha face. Ela deitou a cabeça em meu peito e eu soube que queria chorar. Mas queria consolo e descanso para a alma atormentada. Senti seus dedos tocando minha nuca. Ela me acariciava ali, enrodilhando fios com seu delicado toque. Meu corpo todo tremeu de amor.

– Inácia... em nome do que é certo e do que me resta de forças, preciso pedir que, acaso não queira macular sua honra... ponha-se agora, neste mesmo instante, e não olhe para trás, a caminho de sua casa.

Não posso mais suportar.

Ela entendeu que aqueles eram os limites de minha força, da força insuportável que fazia para não seguir adiante e beijá-la. Ela se afastou, buscou a sombrinha que havia deixado no descanso da cadeira e saiu pela porta, sem dizer adeus.

Falhei miseravelmente em meu intento, já aviso. E minha história nada mais é que o documento sacramentado de minha derrota. Toda ela, porque não me basta ter caído de amores pela donzela prometida a um nobre de araque, o insucesso em salvá-la daquele aviltado destino, minha insana tentativa posterior de...

Mas preciso ter calma. Estou me adiantando novamente aos fatos.

### **Terceiro ato**

#### **De quando conheci a desgraça da família Serrão**

Fui ter com o pai de Inácia duas noites antes de seu casamento. Encontrei um homem ainda mais destruído que a própria filha. Era um bêbado. Era um roto. Percebi as consequências que tripudiavam em culpas a consciência daquele homem. Pedi a Inácia para conhecê-lo, para tentar arranjar com ele um meio, uma forma, um caminho, uma ainda que amarga solução. Mas aquela era a solução final. Por dois dias, Inácia recusou-se e mostrar-me o pai. Tinha uma série de motivos.

Vergonha, medo, pudor. Ela não queria que eu contasse ao pai as circunstâncias em que me conhecera. Mas eu jamais o faria.

Também não desejava que o pai soubesse da amarga situação em que estávamos então, apaixonados de um amor impedido – tampouco corria ela esse risco.

Depois de um tempo, por fim, ela me disse onde encontrá-lo, cheia de absoluta vergonha. Entendi quando cheguei ao estabelecimento que me fora indicado por um laçao da família, autorizado por Inácia a ciceronear minha busca. Depois da entrada para os estábulos do Jockey Club havia essa... bodega frequentada por pessoas de menor esmero. Não tinha nome, não tinha um letreiro que se lhe apresentasse. Ou, por outra, o letreiro caído e apodrecido escorava-se num beco ao lado da entrada. O nome estava apagado, mas dava para ler um “a” aqui e um “n” ali. Se me aproximasse da sarjeta talvez o decifrasse, mas... Precipitei-me por uma porta estreita, com um mendigo caído à esquerda, abraçado a uma garrafa de conhaque vazia. Cigarros tortos e alguns fumados de pouco estavam deitados sobre sua barriga. Fedia.

O ambiente lá dentro não era melhor, com ratos pelos cantos e baratas pelo chão. Mulheres de vida fácil, homens derrotados e outros espécimes infelizes de indivíduos difíceis de serem catalogados. Quando entrei, todos me encararam como que a um demônio no reino dos céus. E eu bem sabia que a situação era a inversa. Minhas roupas limpas e preparadas irradiavam o fino odor de alfazemas que a ama usava na lavagem e amaciamento. E o lugar cheirava a bebida velha, detritos



de roedores e comida estragada.

Encontrei Frederico Antero Serrão no fim do estreito *muquifo*. Bêbado, enroscava-se num litro de aguardente e tentava manter o chapéu alto no cocuruto. Mas era infrutífera a tentativa. Sentei-me diante dele.

– Senhor Serrão, peço que me ouça.

– É você o doutor que tenta acudir minha filha?

– Atendo por Doutor Pompílio e meu pai era médico antes de mim. Minha família...

– Não quero saber de sua família. Já desgracei a minha e tudo o que preciso é disto – levantou a caneca com que bebia – não de saber dos louros dos outros. Não para temer ainda mais o mal que abarcou meus atos e adornou meu sangue.

– Peço que me ajude, senhor, a ajudá-lo, pois penso que nenhuma causa é perdida antes de as cortinas cerrarem após o ato final.

– Não há o que dizer ou fazer, doutor. Há apenas o crepitar das asas nas aves de rapina.

– Tem que haver um caminho. Tem que haver uma salvação.

– Não há.

– Fale-me do infame Alquidar.

– Um pulha. Um infame, como apregoa. Desonesto e cruel. Eu o tive em minhas mãos. Ou, por outra, eu acreditei que tivesse. E com isso perdi minha vida e entreguei a de minha família, de minha pobre Inácia.

– Pois deixe-me ajudá-lo, meu senhor. É tudo que peço.

– O Barão é um homem falido. Moral e materialmente. Tudo que lhe resta é a mansão em que vive, ali onde o velho Seixas escondia escravos, antes de Isabel soltá-los pelo país. Contam a farta boca que deve os dedos a agiotas, os olhos a abutres famintos e os fios do bigode a matronas sifilíticas do cais.

– Mas como, meu senhor, dentre todos os desgraçados da república, foi meter-se com esse...

– O orgulho é a perdição do ser, meu caro doutor. Foi ele quem levou o Lúcifer para o inferno. Caímos todos por ele. Um amigo de um amigo me contou do pobre diabo e corri em socorrê-lo.

– Como assim? Como socorrer? A quem?

– Ao famigerado Barão de Alquidar. Quando me contaram de seu infortúnio, vesti-me de minhas melhores intenções e corri em acudi-lo. Emprestei-lhe os Réis que precisava para salvar a própria casa e... e o maldito me apresentou aos mesmos homens que o haviam levado à bancarrota. Jogadores, doutor. Homens de sede infinita pelo descaso e a perdição.

– Você o salvou da bancarrota e ele o introduziu ao mundo que o desgraçava? É isso que me contas? E aceitou tal escambo bizarro? Por que o ajudaste?

O velho tomou mais de seu caneco. A barba por fazer o transformava num igual aos que se assentavam ao redor. A meu ver, poderia ser um bêbado eterno e não alguém que há pouco aprendera a buscar

abrigo nas garrafas.

– Fui instado a acudi-lo. Não vem ao caso. Mas... o que vem, meu caro doutor, é que sempre tive em minhas veias essa sina maldita pelo jogo. Sou um bebum e atrevo-me a dizê-lo. Não por falta de pudores, mas para que entenda que o Barão reconheceu isso em mim e, enquanto o ajudava a por os negócios em condições de subsistência pelo menos, o maldito pensava numa maneira de roubar-me a dignidade e os bens. Acabei mergulhado em jogatina e outras perdições.

– Disse-me que o Barão estava quebrado, mas Inácia conta que perdeu sua fortuna para o Barão. Como foi posta essa mesa? Com que quilate o Barão apostou com o senhor?

– Um homem quando cai em jogo, doutor Pompílio, não enxerga quiçá o elefante branco estacionado às portas de sua casa. Naquela noite, jogávamos primeiro por distração. Depois por bebida. Ganhei todas as vezes. Todas. O Barão era um péssimo jogador e me senti invulnerável e incólume. Até que um deles desafiou-nos com o fim de minha fortuna. Um deles que não o Barão. Só mais tarde entendi tratar-se de um dos alcoviteiros daquela matilha. O homem assinou em minha frente a aposta. Entregava duas fazendas e uma frota de burros e carroças de uma cidade erma que chamam... como é mesmo o nome? Arroio. Arroio dos Perdidos. Era um traste corpulento, com sobranceiras vermelhas como os cabelos de fogo que tinha. Muito branco e com ares de doente. Bartolomeu Proença. Ele assinou seu documento. Eu hesitei. Mas fui convencido com certa facilidade quan-

do o Barão disse que jogaria em lugar do dono das carroças. Assim, apostei minha Bodega Puritana...

– Sua o quê?

O homem pareceu um pouco atrapalhado. Onde eu já havia visto aquele nome?

– Err... Bodega Puritana. É o nome do meu mercado.

– Ah, sim. Mas... não percebeu que era uma cilada?

– Perdi todos os meus bens em uma rodada apenas. Foi assim que vendi minha alma ao Barão de Alquidar. E para não levar toda a família à bancarrota plena, ele exigiu a mão de minha mais doce pérola em troca.

– Por que ele fez isso? Se já se havia de todos os seus bens, poderia simplesmente...

– Deitá-los em desperdício como fez com os próprios. Não é isso que ele quer. Ele sabe que eu jamais deixaria Inácia perder-se em desamparo. Casando-se com ela, o Barão tende a viver eternamente às minhas custas, que trabalharei sem medo e desânimo para mantê-los. Ele não quer meus negócios, doutor, ele quer meu dinheiro. Para sempre.

– Vigarista!

O homem ergueu de novo a caneca e me ofereceu um brinde pela conclusão óbvia.

Na véspera de seu casamento, fui ter com Inácia. Meu desespe-

ro atingira proporções que não podia medir. Não dormia, não trabalhava, não sonhava, apenas gastava meu tempo em tentativas inúteis de encontrar uma solução para o caso. Não havia, não existia, não encontrava. Isso me corroía. Eu não podia falhar, mas não havia meios, a não ser...

Encontramo-nos na praça perto do café onde nos havíamos conhecido.

– Fuja comigo, minha Inácia. Vamos viver longe daqui. Tenho minhas economias e posso executar meu ofício em São Paulo ou outra cidade distante. Médicos sempre serão requisitados e...

– Não fales mais, meu amado. Cala-te agora, pois não sabes o que pedes.

– Claro que sei!

Ela meneou a cabeça desanimada e explicou:

– O Barão sabe que andas perguntando dele. Sabe as tuas intenções. Ainda hoje, vi um laçao tocar no nome de sua família. Não quero ser o estopim da desgraça de mais uma família. Se fugisse com você, de certo nos caçaria por toda parte. Não haveria onde vivermos livres. Minha família estaria perdida e a tua sob a mira do tinhoso!

– Aquele maldito! – grunhi.

– Nada mais me resta a não ser esperar que o destino se cumpra e que a morte um dia me leve. Espero que haja uma outra vida em que possamos nos encontrar, meu amor.

– Acredito nesta vida aqui!

– Pois ela está perdida.

## Quarto ato

### De quando conheci a matrona traiçoeira e vigarista

Inácia casou-se. Nada posso dizer desse dia, pois o tenho perdido para a bebida. Mas não procurei amigos ou casas conhecidas para me deitar de tristeza e destempero. Meu medo era que me vissem naquele estado. Meu medo era destravar a língua em aguardente e conhaque e denunciar ao mundo o amor que sentia pela prometida do Barão de Alquidar. Seria uma desonra para a minha família saber o que me ocorria. E para Inácia, se o mundo viesse a saber de seu amor por mim. Portanto, tratei de buscar outros infernos perto do cais, onde alma nenhuma devia me conhecer. Muito menos a Inácia.

Para meu mundo, silencieei o nome de minha amada como se nunca tivesse existido. Lá fora, nas vielas sujas do cais, em antros de luxúria e perdição, entreguei-me ao acaso e consumi meus vinténs em mesas de fundo, atrás de garrafas que se esvaziavam feito poças evaporando ao sol. Não aprendi a beber. Se tanto, a bebida foi que me aprendeu.

Noite após noite, escapava do consultório, morrendo de saudades infinitas, buscando o fim dos poetas que morriam tísicos na sarjeta. Era essa a minha sina. Não mais a via. Não mais sentia sua pele sedosa. Não mais ouvia sua voz. Mas... acaso não a via em todos os cantos e

todos os rostos? Não a sentia onde não estava, como uma presença fantasmagórica vigiando meus dias? Não ouvia sua voz e me voltava esperançoso para entender que a confundia com uma beata qualquer?

Eu estava em completo declínio e isso, com as semanas, tornou-se visível até para minha família. Não tardou que meu próprio pai me chamasse às falas. Mas os ingratos e os bêbados são donos absolutos de seu orgulho. Afastei-o. Mandei que se retirasse de minha vida. E, naquela noite, procurei consolo em buracos que nem me atrevo revelar. Desta feita, foi num deles que a encontrei...

Seu nome era Odete. Na verdade, foi ela quem me encontrou. Uma matrona com ares traiçoeiros, jeitos de vigarista. Usava uma pinta desenhada no queixo, sobrancelhas depiladas e riscadas a lápis. Um vestido vermelho com decote generoso. Os seios já meio passados apertavam-se para fora como se almas buscando fugir do inferno. Tinha lábios carnudos e borrocados do vermelho sanguinolento que só mulheres daquele nível tinham coragem de usar.

– Me contaram que o doutor anda pelos estabelecimentos maldizendo o nome de um velho amigo meu.

– Confundi-se de consultório – foi o que pude dizer a ela. A catraia não se conteve. Eriçou as sobrancelhas e sentou-se em minha mesa. Educado, pedi uma outra caneca e servi conhaque a ela. Bebeu tudo de um trago só e pediu mais. Ela bebeu tudo outra vez. Por fim, com a garrafa seca, estendeu a mão para o alto e um atendente esfarra-

pado apareceu com uma garrafa diferente. O líquido dentro dela parecia... reluzir. Ela serviu duas taças. Uma para mim, outra para ela.

– Pedro Augusto desposou Inácia Serrão há quase dois meses. Dizem por aí que tens sido visto em todo buraco do cais como um rato fugido d’alguma embarcação naufragada. Dizem que nunca a beijou, muito menos deitou-se com ela, mas assim mesmo sofre como se lhe tivessem arrancado a carne do peito. Já foi assaltado duas vezes e acudido quatro abraçado a postes tortos, desacordado.

Não foram apenas quatro, pensei. E graciejei em seguida:

– É o esterno, esse osso que temos aqui, a trancar o coração. Ele dói.

– Sei como é isso – ela insistiu. – Mas tenho o meu já acostumado à doença. Não dói mais.

– Que doença?

– O amor – ela disse.

– Já o conheço. É um pulha.

– Não o é, doutor. Mas conheço o dono de tanta culpa. Não se chama amor. Chama-se, o doutor bem sabe, Pedro Augusto, o Barão de Alquidar.

– O que está dizendo?

– Caí de amores por ele quando era apenas uma garotinha. Tinha seios que pareciam duas espinhas inflamadas e aquele ser desprezível arrancou-me do seio de minha família e me largou aqui, onde ganho a vida há quinze anos.



– Quinze anos de servidão? Quantos anos tem?

– Vinte e sete.

– O Barão a possuiu quando ainda era uma criança!

– Raptou-me de minha cidade jurando casar-se comigo. Numa noite meus pais dormiam em sua cama e eu escapei pela janela, para encontrá-lo na praça sob os olhares da santa igreja. Ele me esperava numa carroça. Entrei nela. E abracei meu destino então. Ele me possuiu sem qualquer laço por sete vezes.

Odete Emerenciana virou de um trago, novamente, sua bebida. Desta vez era uma dose brilhante de absinto. Acompanhei-a. O líquido queimou minha língua e minha garganta. Senti-o como que um soco em minhas tripas. Estremeci. Minhas narinas vibraram. Abaixei a cabeça e fiz uma careta. Quando a encarei outra vez, a mulher nem se abalava.

– Um vermel! – sussurrei com dificuldade. – Por que não fugiu? Por que não voltou para a casa de seus pais?

– Desgraçada? Meus pais jamais me aceitariam de volta. Venho de uma família casta e de um berço angelical. Mas o Barão me prometeu mundos e fundos. Terminei aqui. Mas tenho sede.

Serviu-se de mais uma taça daquele líquido infernal. E contou-me detalhes que, sórdidos, abalaram minhas estruturas e meu ânimo. Coisas horríveis vividas por outras moças deixadas no mundo pelo inescrupuloso Barão. Duas delas se haviam matado, inclusive. Perto do fim de nossa conversa, eu estava em lastimável estado. Havia bebido

três taças de absinto e sentia-me como se as carnes quisessem fugir dos ossos. Olhos tortos e o mundo rodopiando, encarava uma imponente Odete que mal parecia ter tomado uma brisa, tendo sorvido quatro taças, sem entrar em conta o conhaque que ofereci antes.

O atendente veio oferecer mais daquela bebida infernal e a matrona o dispensou, alegando que sempre dividia sete taças, tantas quantas as vezes que o Barão a havia maculado, antes de deixá-la para o mundo.

– Bom seria se o Barão encontrasse um fim doloroso que honrasse sua maldade! – arrotei.

Ela sorriu.

– Milhares de vezes sonhei com essa possibilidade. Que caísse de uma escada alta e quebrasse o pescoço. Que engasgasse numa espinha de peixe numa de suas ceias de glutão. Que se envenenasse de uma terrível gonorreia que empestasse o corpo todo!

– Que um raio lhe partisse a cabeça! – emendei. – Que qualquer obra de Deus misericordioso o tirasse desta vida!

– Ou que fosse envenenado... – Odete finalmente disse. Pisquei, zozzo. Ela olhou para os lados. Abaixou-se em minha direção e sua voz foi apenas um murmúrio.

– Pudesse o doutor ter a chance... teria a coragem?

Fiquei olhando para ela, sem entender. E, súbito, coberto pela coragem que a bebida traz aos homens incautos, respondi com a boca molhada, sedenta, faminta:

– Teria a coragem de atravessar em seu peito uma adaga afiada como a que usam para imolar os porcos! Teria coragem de atirá-lo ao fogo ao à calda de metal derretido que usam para fundir engrenagens!

– Não seja tolo! Um crime bárbaro como esse seria alvo de uma intensa investigação. Perderia sua vida como está agora perdida.

– Minha raiva consome minha razão.

– Ou talvez seja a bebida. Falo de algo mais sutil. Falo de envenenar aquele maldito. Conheço pessoas, doutor Pompílio. Conheço pessoas!

– De que pessoas fala? Também conheço substâncias que poderiam matar um homem. Posso eu mesmo...

– Sem deixar vestígio que outro doutor não pudesse encontrar?

Um veneno invisível a exames futuros... isso existia? Claro que sim. Mas eu não os tinha a mão. Nem sabia quem pudesse consegui-los. Mas Odete...

## **Quinto ato**

### **De quando conheci o sórdido cafetão**

Uma semana depois, quando já me esquecia daquela noite e das dores de cabeça que o absinto me causara, fui interrompido em meu escritório por um inusitado casal. O valete entrou em minha sala usando um bigode ralo, estreito sobre os lábios, e um chapéu estalando de novo. Tinha sobrancelhas mais grossas que o bigode e um ar... cana-

lhesco. A mulher que o acompanhava metia-se num vestido que não lhe caía bem, além de andar com elegância farsesca, quase imitada. Quando passei os olhos em seu rosto, custei a reconhecer Odete sob o véu que descia do chapéu adornado.

– O que faz aqui? – perguntei. Em parte, estava intrigado. Mas um bom tanto estava constrangido pela presença daquela mulher prostituta em meu consultório, no local onde ganhava meu pão e ainda tentava empunhar o nome da família Albuquerque.

– Não se preocupe, doutor. As pessoas em sua sala de espera não desconfiam de nada.

– Não trato de meus... outros assuntos neste escritório.

– Mas há que tratar deste. Há quantas não vês sua amada Inácia?

Engoli em seco. Parecia ter sido flagrado em pecado.

– Vejo-a todos os dias em meus pensamentos e em meus sonhos. Três, a cada noite.

– Ora, digo que é hora de parar de sonhar em vão e construirmos nosso futuro com o empenho que ele merece. Conheça o alquimista que nos traz a solução que precisamos.

– Do que está falando?

– Conheço e tenho posse, doutor – o homem disse, interrompendo-nos docemente. Falava manso e com uma voz de veludo. Era uma voz que entrava em meus ouvidos e os inebriava como só a bebida parecia fazer. Cheguei a sentir o gosto do absinto outra vez, secando

minha garganta.

– Conhece e tem posse de quê? – perguntei.

O homem retirou do bolso do casaco grosso um pequeno frasco de boticário, de um vidro escuro como as noites de lua nova, arrolhado e sem rótulos. Parecia o minúsculo recipiente de um perfume caríssimo. Depositou-o sobre a mesa e fiquei olhando. Por fim, ergui os olhos para os dois tratantes.

– A mistura neste pequeno frasco é tão poderosa que uma gota poria a dormir um mamute, doutor – o homem revelou.

– Veneno?

– Mil venenos! E mais fatais que o amor! – a prostituta confirmou.

– E jamais poderia ser descoberto por legista algum – explicou o homem. – Os sintomas são de uma crise cardíaca. A morte, em minutos.

– Do que estão falando? E quem é este senhor que trouxe em meu consultório?

Odete Emerenciana tinha amigos obscuros. E aquele era o homem que nos ajudaria em nossa torpe ambição. Ou naquela de que tratáramos enquanto, embriagado, alucinava sem pudores com a morte assassinada do terrível Barão de Alquidar. Mas, agora, eu era sóbrio e jamais... Deus! Jamais...

– Sou um dos que perdeu a vida pelo danoso Barão de Alquidar, doutor Pompílio! – o homem se apresentou. – Abateu-se sobre

mim como ave agourenta e o que me sobrou foi a vida de cafetinagem no cais.

– Trouxe um cafetão para ter comigo sobre questões de morte, senhora? – eu grunhi, encarando-a com assustada raiva.

Odete franziu a testa. Os lábios se espremeram.

– Busquei ajuda para o intento que combinamos naquela noite, doutor Pompílio de Albuquerque!

– Acaso fala do assassinio do Barão? Estão mesmo falando a sério?! Como podem achar que eu...

– Estou falando de se fazer um bem para a humanidade. Quantos mais aquele homem vil vai destruir em sua vida de maldades e traições? Acaso esqueceu-se de sua amada Inácia? Ou ela já não significa mais nada? O que é o senhor? Um mentiroso como o Barão? Ou um covarde?

– Por quem me tomas? Nem um e tampouco o outro. Muito menos um assassino! Jurei salvar vidas e não as tirar!

– Um borra-botas! – o Cafetão insinuou, com desprezo nos lábios e na face.

– Como se atreve?! Ponham-se para fora neste mesmo instante!

Ergueram-se de súbito. E encarei em seus rostos não a vergonha dos culpados que, apanhados em seu erro ou pecado, constroem-se pelos atos desafortunados. Não. Naqueles rostos e nos gestos havia... raiva. De mim! Porque contavam, de fato, que eu os ajudaria naquela loucura. O que era aquele consultório? Primeiro, Inácia a pro-

cura da própria morte. Agora... aqueles dois.

– Se de fato quiserem a morte do Barão, que busquem vocês próprios envenená-lo ou abatê-lo a tiros. Não me importo, mas não venham em minha casa...

– Um covarde! – a mulher repetiu. – É capaz de esperar que o destino ou outro façam o serviço em seu lugar. Jamais teria a masculinidade necessária para a empresa! Portanto que perdeu a mulher. Tivesse tido coragem, ela não estaria sofrendo o destino que sofre.

– Espero que se lembre disso quando estiver expiando seus pecados no inferno, doutor! – o Cafetão cuspiu. – Pois omitir-se equivale a entregá-la, essa sua Inácia, ao destino infame. O senhor a entregou a esse destino! O senhor!

– Vocês estão loucos! – bradei cheio de culpa e remorso. Era fato que eles tivessem alguma razão. Ou assim minha mente adoentada pelo amor acusava.

– Jamais poderíamos fazer o trabalho, doutor Pompílio. Nossa casta não teria chance alguma de aproximar-se do Barão. O senhor, por outro lado, é de uma família potencial. Certamente que entraria naquela casa. Certamente que teria chance de aproximar-se dele.

– Ponham-se daqui, repito! – resmunguei. Mas estava abatido, estava trêmulo. Não era raiva ou o sentimento puro de ofensa. Era minha culpa. Ela minava minha certeza.

Mesmo assim, os dois afastaram-se e foram embora. Antes de a porta se fechar, Odete lançou-me um olhar irritado, confuso e cheio de

incompreensão. Ela não entendia como e porque eu recusara a oferta, o negócio. Para mim era claro. Não poderia matar um homem. Ainda que vivesse meus dias pedindo a Deus que a morte lhe caísse como gotas de orvalho numa manhã fria sobre as flores do jardim. Quando a porta estava de novo em seu lugar, abaixei-me sobre a mesa, os dedos deslizando nos cabelos, e fechei os olhos. Tudo que vi foi Inácia. Aquela sala ainda tinha seu cheiro, mil anos depois de sua partida. Sua voz e seu sorriso triste ainda estavam ali. Era apenas minha lembrança, eu sabia, mas era... quase real.

E eu nunca a poderia ter. Jamais. Estava destinado à dor eterna. Como podia ser? Como era possível?!

Abri os olhos e os deixei pousar sobre o frasco de veneno que o Cafetão ali deixara. Coberto de pavor, agarrei-o com força e o arremessei contra a parede. O vidro espatifou-se e o líquido escorreu transparente em lágrimas.

## **Sexto ato**

### **De quando conheci a coragem dos loucos**

Naquela noite, quando cheguei à casa de meu pai e me sentei para o jantar, encontrei o jornal da tarde sobre a banquetta de leitura. As duas folhas dormiam jogadas num canto. Mesmo de certa distância pude ver a chamada que enchia o pasquim: Tradicional festa à Fantasia do Barão. Abaixo disso o editor felicitava Alquidar pela recepção anual.



A deste ano teria vez no fim de semana que chegava. Perdi o apetite e me recolhi.

Tive pesadelos sem fim em que minha consciência, contra mim mesmo, acusava-me de covarde, de traidor! Traidor de meu próprio amor e de Inácia. Acordava aos prantos, eu, um homem feito e com a chancela de um doutor. Ao amanhecer, parecia um trapo de tanto fechar os olhos e enxergar minha amada como que presa numa masmorra, acorrentada, chorando, ferida. Sobretudo: sentindo a dor de minha traição, de tê-la abandonado. Ao redor dela, ratos monstruosos, com o corpanzil e a cara glutona do Barão guinchavam para atormentá-la. E a mim.

Mandei um mensageiro avisar em meu escritório que não estava bem e que não atenderia naquele dia. Passei-o em minha cama, sentindo dores no peito e na cabeça. Dores que, em verdade, não estavam lá. Eu resistia, mas minhas entranhas, todo o meu ser... o mundo acusava-me pelo descaso, por ter deixado de lado o que realmente importava: o amor!

O golpe fatal veio no meio da tarde. Um dos empregados de meu pai bateu à porta e disse que um homem me esperava do portão. Saí pelo jardim que em nada combinava comigo naquele dia e fui encontrá-lo perto da banquetta sob as buganvílias. Estava de costas, mas tão logo bati os olhos sobre aquela figura, reconheci-o. Era o pai de Inácia. Vestia-se sofregamente para aquele encontro. Ao virar-se, percebi que estava tentando erguer-se. As roupas estavam limpas e seu

barbear era recente. Os olhos fugazes, porém, revelavam em brasa que a bebida ainda o visitava de tempos em sempre. A noite lhe teria sido tão cruel quanto comigo? Encontrara consolo em alguma aguardente de quinta? Certamente.

– Senhor Serrão – eu chamei. O homem levantou o semblante com ares confusos.

– Quem? – ele perguntou, como se não tivesse reconhecido o próprio nome quando chamei. Ou não tivesse ouvido direito. Em seu estado, era certo que mal entendia o que lhe falavam.

– Boas tardes, senhor Serrão – eu insisti.

– Oh! – ele por fim entendeu. Levantou-se às pressas e estendeu a mão. Era um homem acabado que saíra ainda há pouco de um banho de colônia. O cheiro era uma mistura de cigarros velhos, bebida curtida e perfume vagabundo. Senti náusea. Pelo menos, de longe, parecia limpo. Lembro-me de ter pensado que Inácia havia deixado a casa daquele pai para cair nos braços de um semelhante. Que triste fim!

Por outro lado, era o mesmo Barão o responsável pelo estado do senhor Serrão. Ainda se sentia desgraçado pela venda da filha. E devia sentir-se. No princípio das coisas, a culpa era toda dele!

– A que devo a graça, senhor? – tornei.

O senhor Serrão segurou o chapéu sobre o estômago e olhou para baixo, como que buscando o texto para o que diria a seguir. Fez silêncio por instantes. Por fim, encarou-me com aquelas duas peças de carvão em brasa que eram seus olhos pequenos e contou-me.

– Trago notícias de minha filha.

– O quê? Como?

– Por favor, doutor Pompílio, vamos nos sentar, minhas pernas doem.

Acompanhei-o, nesse momento totalmente ouvidos ao que trouxera. O resto do mundo era irrelevante, fútil, despropositado.

– Conte-me, senhor. O que trazes de minha amada Inácia? – atropelai, parte de mim ciente de que chamava assim a filha casada do homem à minha frente. Estava certo que em outras circunstâncias teria sido achincalhado ferozmente pelo interlocutor.

Em contrário, o homem baixou os olhos e ateu-se às abas do chapéu, como se pudesse transmitir a elas, por força das mãos, a culpa que carregava.

– Ela sofre, meu bom doutor. Sofre horrores!

– Meu Deus, como pôr fim a tamanha tragédia?

– Conteí a ela que o senhor me procurou naquela semana hedi-onda.

– E...

– Ela chorou nos meus braços, doutor Pompílio. Caímos os dois num choro compulsivo. Entende que fui o causador de sua dor? Quando citei seu nome, minha filha, que a custa mantinha aquele ar angelical que conheces, desabou sobre mim como que sucumbindo à tormenta soprada destes lábios meus!

Caí meus ombros e olhos, vendo a cena em minha frente como

se lá estivesse. Ela chorava, de fato, como em meus pesadelos. Mas ainda havia mais.

– E o Barão me enganou, aquele pulha!

– Como assim?

– Ciente de que Inácia o odeia, ele simplesmente trancou a cofre o documento meu que tinha assinado. Ainda controlo minhas empresas e sirvo à minha família... ao que restou dela. Mas estou nas mãos daquele homem horrível.

– Mas havia o trato!

– Que ele não cumpriu. Disse temer que Inácia faça algo inesperado e assim, sem uma garantia, ele ficaria sem seus despojos. Que homem horrível!

– Que homem horrível!

– Que homem horrível! Minha Inácia agora é sua refém e eu nada posso fazer! Se ela fugir... se sequer consumir-se tísica, Deus me perdoe, toda a família estará perdida. Já estamos. É o inferno que eu trouxe para os meus, Pompílio! O inferno!

– Mas, senhor Serrão, diga-me, conte-me! Deve haver uma maneira de salvá-la! Deve haver um meio, uma causa, um curso, uma carga que possa carregar em favor dela. A cena que me contas fere minha carne como que brasas me servindo de casaca.

– É o que me ocorre dia e noite. Por isso...

Ele retirou do bolso do casaco surrado um recipiente prateado, meio gasto, do qual sorveu algum álcool. Ofereceu-me. Juro que senti

um pouco de nojo daquele frasco platinado. No entanto, eu bem sabia do que ele tratava. Só a bebida para aplacar um pouco aquela dor. Não que fizesse muita diferença, mas beber até cansar certamente me traria o sono silencioso dos desgraçados. Desmaiado, quero dizer.

– Inácia mandou dizer-lhe que... – ele travou um instante. Baixou os olhos. Tornou a pegar o mote. Encarou-se. – Inácia o ama, doutor. E mandou dizer que deve esquecê-la, para o seu bem. Disse que o amará até o fim de seus dias e se outras vidas houver o senhor estará nelas, em suas lembranças...

– Senhor Serrão, pare. Não posso mais suportar.

– Sei que nada mais há a se fazer com relação ao destino de minha filha. De modo que apenas aqui estive para que saibas que...

– Basta. Não preciso de mais nada.

Ele se tomou de um susto quando me levantei resoluto. Por um instante, ele achou que eu me irritara com sua pessoa. Estava muito longe disso.

– Saiba, senhor Serrão, que Inácia não está perdida. E que, como prometi antes, hei de fazer tudo, absolutamente tudo o que for possível para salvá-la.

– Mas... doutor Pompílio, nada mais...

Ele se levantou comigo, meio confuso.

– Vá para casa, senhor Serrão. Em breve, muito em breve, terás notícias minhas.

Ele se foi. Permaneci no jardim, de pé sob o arranjo de bugan-

vílias roxas. Estava decidido. Não havia o que pesar ou moral a ser questionada. A moral era simples: o Barão destruíra uma família inteira e aprisionava minha Inácia. E, ainda que isso tivesse um peso menor: destruíra minha própria vida. Pois que, se tivesse que destruir o que já estava destruído, esse seria um preço menor a pagar. Naquela noite, procurei Odete Emerenciana em sua rua no cais. E fechamos o acordo final. O Barão ia de novo receber na mansão. Pois que sim. Em sua festa a fantasia ia ter fim a nossa angústia: a tratantada era matar o Barão!

– Mas há um problema – eu acabei dizendo a ela.

– Que problema?

– Destruí o frasco com o veneno. Preciso de mais.

O Cafetão veio acudir-nos. Pediu um par de noites e uma pequena fortuna. Disse que aqueles venenos eram raros e que seria complicado consegui-los tão depressa. O que me restou foi deitar a prego o antigo relógio de minha família. Senti-me aborrecido, mas estava certo de que colocaria minhas finanças em dia assim que tivesse Inácia de volta. Não haveria mais motivos para noites e dinheiros perdidos para as bebidas e outras saídas ainda menos honrosas. E dedicar-me-ia como um soldado ao ofício.

Sim, era apenas temporário que deixava a valiosa joia.

## **Sétimo ato**

### **De quando conheci o destino dos meus atos**

Era verão, eu já disse. Mas fez o carnaval num invernico enganador, coberto de cinza por uma chuva fina e fria como a morte que eu carregava naquele pequeno frasco, no bolso. Passara pelo cais para buscá-lo, o veneno, e as embarcações, todas ancoradas e fortemente amarradas na baía, eram castigadas e fustigadas violentamente pelo mar. O Cafetão entregou-me o frasco e eu tomei meu rumo, cheio daquela horrorosa coragem dos assassinos convictos. A trama era simples: era eu o único dos três que teria chance de entrar na mansão. Seria a minha mão a dosar as gotas fatais durante o brinde do Barão. Era sempre à meia-noite e eu a esperaria, a hora fatal, com gosto e ânsia.

Uma das empregadas de meu pai costurou a roupa e o restante da vestimenta comprei de um antiquário na Rua do Rosário. Um elmo pesado como uma coroa cravejada, enfeitado por uma crina vermelha espanada para o céu; o peitoral de uma armadura que envolvia meu tórax e era fechado nas laterais com uma estranha engenhoca com molas e um ferrolho; um escudo reluzente como o sol e a espada mais afiada em que já pude pôr os olhos. Bem... em verdade, nunca pus os olhos em uma. Era grande e pesada e tive que ajeitá-la num suporte em minhas costas, porque era longa para a cintura e arrastava-se com a ponta quando eu andava, mesmo com minhas pernas longas.

Às portas da mansão, parado de frente para um enorme espelho adornado em um suporte dourado como o ouro, reparei em meu perfil de herói. Era um cavaleiro de armadura. Perfeito. E salvaria mi-

nha donzela de sua amargurante clausura. Mesmo cercado de arlequins, bailarinas, deuses nórdicos, bruxas, cortesãs, piratas, condes e duques, reis e príncipes, mouros e persas, fantasmas da ópera e dançarinas de cancan, escudeiros, cowboys, centuriões, caudilhos, coronéis, mosqueiteiros, andarilhos mouros, pierrôs e colombinas. Assim, com meu convite conseguido através do amigo Teofânio Aparente, à custa do que restara dos tostões do relógio de meu bisavô, tomei o rumo da festa.

Uma festa pomposa, preciso reconhecer. Rica. Abastada. Grandiosa. Portentosa. Muita comida, música de uma orquestra tocando marchinhas de cima de um coreto montado ao fundo do salão de festas além do jardim. Bebida francesa, escocesa, irlandesa, russa. Um homem poderia se perder no meio de tanta fartura. Perderia sua alma, creio de fato. E era assim com o Barão de Alquidar. Alcançara tamanho poder que acreditava estar acima do bem e do mal. Por outra: era o próprio Mal!

Vagando pelo jardim e pelo salão apinhado de figuras, esbarrei com alguns conhecidos e troquei palavra com este ou aquele. E soube da última maldade, a qual não podia refutar, pois que seria destrutado pelos interlocutores e, após, certamente visto como um pária capaz de... assassinar o anfitrião! Dizia-se entre os convidados e nas rodas de sociedade (das quais me via afastado havia algumas semanas, internado que estava nos meios obscuros da zona portuária por conta de minha paixão impossível por Inácia) que o Barão resgatara da miséria, com



sua inquestionável e ilibada bondade, a mulher que escolhera para carregar no ventre a prole com que Deus lhe presentearia. Quase surtei. Miserável! Maldito! Mequetrefe! Apostei que fora ele! Ele mesmo, aquele Barão de quintas rotas e arruinadas! Fora dele a ideia de inverter os fatos e apresentar ao mundo uma versão mentirosa sobre o casamento. Ele, o falido, dizia agora que, com seu dinheiro, salvara Inácia e a família.

Pior, nem se falava da família de Inácia. De fato, não encontrei o pai de minha amada em lugar algum. O pobre homem ou não viera por dor e culpa ou sequer fora convidado para a festança do genro canalha. Não importava. Importava que agora eu estava certo de minha vingança. Seria a *vendetta* fatal contra aquele... aquele...

Acabaram-se os predicados para o Barão.

Aproximava-se a meia-noite. Aproximava-se o momento em que passaria da vida de médico salvador para a de ceifeiro maldito. E o faria com total orgulho de meu feito. Mas não correria riscos. Assim, enchi-me da mais torpe coragem e adentrei a cozinha da casa, de onde os serviçais saíam para distribuir bebidas e guloseimas aos convidados. Perto da saída, encontrei meu alvo. Era a garrafa de champanha do Barão. Aquela que seria usada no brinde mortal. Ficava sobre uma bandeja de prata com apenas uma...

Por Deus! Havia duas taças! A informação que o Cafetão me passara era a de que na bandeja haveria apenas uma taça! Sempre fora

apenas uma taça! Por que agora eram duas?

Claro: porque agora ele era casado e compartilharia seu brinde com Inácia! Como eu saberia...

Meu desespero foi logo diluído em água. As taças traziam em relevo a inicial do primeiro nome de Inácia e do Barão. Numa delas, num portentoso contorno, estava o “P” de Pedro Augusto Romão Alvarenga Castilho Bastião César Amaro de Alquidar e na outra o “I” de Inácia. Peguei a taça do Barão e escondi-me na entrada para a despesa do casarão. Tirei do bolso, que a empregada de meu pai costurara na parte interna da cota, o frasco escuro com o poderoso veneno. Bastavam duas gotas. Pinguei o veneno no fundo da taça límpida. Era um líquido transparente, imperceptível. Por garantia, pinguei mais duas gotas. Girei a taça. O líquido espalhou-se e impregnou as paredes cristalinas. Voltei até a entrada da cozinha e devolvi a taça ao seu lugar. Dei uma última olhada no interior. Ainda havia um pouco de líquido no fundo. Deixei o frasco de veneno no balcão e tomei a taça outra vez. Balancei mais um pouco, até que o líquido quase sumisse. Devolvi para a bandeja. Um garçom entrou esbaforido na cozinha, a cabeça baixa e a bandeja levantada. Despistei e saí depressa, sem mal olhá-lo. Estava feito!

As cornetas soaram. À frente do coreto, numa pirâmide de taças reluzentes, a trupe de serviçais preparava a champanha. Seria servida a todos. Mas a bandeja de prata, alvo de minha sedenta atenção,

fora depositada no balcão à frente dos músicos. Lá no alto, o maestro de fraque e cartola anunciou o grande momento. E em seguida chamou, uma a uma, as ilustres autoridades presentes. O prefeito, dois edis, um comendador aposentado, o juiz da comarca, o Coronel Epaminondas, uma lista com quase vinte glutões. Por fim, vindo de alguma parte obscura do salão, o Barão de Alquidar subiu as escadas laterais do coreto, tendo Inácia com seu semblante tristonho atrelada ao seu braço como que acorrentada aos grilhões da escravidão eterna. Os convidados aplaudiram. Quase tive uma síncope de ódio e pena. Mas tinha que me manter. Em breve a trama estaria finalizada, terminada, acabada.

A orquestra tocou um prelúdio de metais. O Barão, com seu enorme bigode ensebado e aquela descomunal barriga gelatinosa, estava vestido de rei. Trazia uma coroa cheia de setas para o céu escuro. Vestida de rainha, Inácia era a encarnação da Vênus. Iluminada, bela, perfeita, perfeita, perfeita.

E com aquele ar triste. Até seu sorriso não mostrava sinceridade. Era leve, porém doído.

– Meus caros amigos! – bradou o Barão, de cima do coreto. A orquestra silenciou. Todos silenciaram. – Mais um ano preenchido por nossos intensos e desgastantes dias de labuta!

A delirante fidalguia caiu-se em gargalhadas de diversão: era conhecida, notória a vida vadia do Barão. Não tinha trabalho, exceto o mais fútil de todos: gastar seus tostões até que se acabassem. Demônio! Haviam-se acabado suas moedas! Gastara-as até a última conta. E ago-

ra desposara a filha de um rico comerciante para tomar-lhe os bens e dinheiros!

– Mas não me importam os trabalhos e os dias difíceis. Importam os carnavais e os festivais! Por isso tenho a honra de receber-vos mais uma vez nos jardins de minha humilde, quase tacanha mansão!

Mais gargalhadas. Que ódio!

– Chega de delongas! Vamos ao que nos trouxe aqui!

Um serviçal arrebatou a garrafa de espumante. Com destreza e um riso certamente forçado, arrancou a rolha do bocal e deitou o líquido nas taças da bandeja de prata. Juro que vi o cristal do Barão brilhar. O líquido quase dourado o encheu como as águas de um mar revolto completando os pulmões de um suicida. Era chegado o momento de minha vitória!

Abaixo do coreto, em sincronia, os outros empregados passaram ao trabalho de encher as demais taças, as dos convidados. Derramaram o líquido nas superiores e eles escorreram delicadamente para as demais. A vibração entre os membros da assembleia de babões fantasiados era quase sólida, quase tocável. Senti um certo nojo daqueles cortesãos desalmados, vis em sua busca por diversão, sem importar-se com o sofrimento de minha querida e amada Inácia.

Os serviçais serviram as taças primeiro aos ilustres. Abaixo, no salão, todos correram para servir-se. Tomaram seus cristais, enquanto o Barão assistia. Atrás dele, Inácia permanecia de cabeça baixa. Notei que mexia em alguma coisa no decote comportado de rainha, mas não po-

dia ver de certo. Talvez fosse algum arame de espartilho incomodando. Senti-me envergonhado por notá-la assim. Afastei as vistas.

À meia noite em ponto toda a infame fidalguia refestelava-se no enorme salão. A festa espocava com a champanhe e me deixava doente de raiva e desgosto. Lá no alto, o Barão e Inácia resgataram da bandeja de prata suas taças cheias. Eu sorri. O momento de minha glória enfim batia às portas do destino para entregar-me a felicidade. Inácia seria finalmente minha!

Os braços da multidão ergueram-se. Uma floresta de mãos atrapalhou-me, por um instante, a visão. Procurei um lugar melhor para ver... Precisava ver! Precisava! E o que vi me deixou um tanto desconcertado. Lá em cima do coreto, tive a nítida sensação de que Inácia e o Barão haviam... trocado de taças. Perdi a concentração naquele mar de cristais que se estendia adiante. Passou por minha cabeça que tivessem pinçado da bandeja as taças trocadas e agora ajeitavam o acerto. De longe, eu jamais poderia ter certeza de que Inácia brandia aquela com o “T” destacado.

Atrás deles, o prefeito e o juiz, o pároco até, com o velho comendador... todos... pareceram trocar as taças. Aproximaram-se uns dos outros e a confusão de cristais me fez ter essa... ilusão. A bebida ia trocando de mão ou... ou era apenas um brinde? E Inácia e o Barão?

Por outra... e se eu tivesse me enganado? Tinha gotejado o veneno na taça certa? Com certeza? E se eu a tivesse invertido? Ainda: e se o “T” fosse de Imperador (porque o Barão parecia vestir-se como o

velho Pedro, expulso pela República para o berço português) e o “P” de Princesa? Pois que seu vestido, o de Inácia, e sua tez suave e jovial mais combinavam com a de uma filha de rei e não com o de uma esposa coroada.

Não! Eu estava delirando. Não podia ser! De fato, possivelmente e certamente... Inácia e o Barão haviam apenas brindado e eu tivera aquela estranha impressão de que trocavam as taças. Era isso. Tinha que ser isso!

– Meu brinde à calorosa noite de alegrias que os traz à minha humilde residência!

As mãos se uniram. De taça em taça eu me perdi na gargalhante multidão. Lá no coreto... já não sabia quem ganhara a poção!

Beberam. Apenas segurei, atento e trêmulo, minha taça cheia. As bolhas da champanha saltitavam em meu pulso. As pessoas ao redor sorviam o líquido festivo, enquanto meus olhos caíam no coreto como bolas de fogo queimando no céu. Arregalados e em pânico. Os segundos se passaram. O Barão por fim secou sua taça, de um gole, e ergueu o braço no ar com uma gargalhada sonora, estomacal, poderosa. Senti todo o salão tremer. E então... e finalmente... o desespero abateu-se por completo em meu semblante. Senti o chão abrindo-se. Uma tontura abissal abateu-me: Inácia afastava-se ao fundo do coreto, tremendo o braço que segurava a taça como se atacada por um mal súbito. Eu a vi levar a outra mão à testa, demonstrando que não se

sentia bem.

Por fim, ela largou a taça, que caiu para o chão como um cofre de cima de um penhasco. Espatifou-se e, embora a multidão em festa rugisse ao meu redor, pude ouvir cada pedaço de cristal gritando de dor. Não podia ser! Eu... eu... eu...

Teria eu assassinado Inácia Serrão?!

### **Oitavo ato**

#### **De quando conheci... a Morte**

As pessoas mais ao fundo... mesmo aquelas mais próximas do coreto... ninguém a via. Apenas eu. Mesmo aqueles perto da orquestra. Só depois que ela se sentou numa cadeira ao fundo é que foi acudida. Os ilustres de plantão aproximaram-se dela, às pressas. O Barão foi o último. Correu a acudi-la e eu não mais a vi. Aos poucos, os convidados foram percebendo que algo estava errado. As taças abaixavam-se e eles lançavam seus olhos curiosos para o coreto. Um braço, lá em cima, ergueu-se pedindo alguma coisa. Apavorado, morto de medo e remorso... fui diminuindo de tamanho e me permiti ser engolido pela multidão que agora seguia adiante, para perto, para ver a tragédia que se anunciava.

Afastei-me, trombando com os convidados. Cheguei ao jardim. Alguém gritou. Uma mulher. O burburinho aumentou. E eu entendi o que finalmente acontecera. Levei as mãos ao elmo e arranquei-o. Jo-

guei-o para um canteiro de hortênsias. Enterrei os dedos nos cabelos e senti o desespero atingir a garganta. O choro veio convulsivo, voraz, insuportável... E eu corri dali. Não apenas assassinara Inácia Serrão, como condenara sua família à bancarrota, pois que o Barão, agora, certamente assumiria seus bens e sua riqueza, para seu asqueroso e frívolo deleite.

Era o fim!

Na madrugada que envolvia a cidade coberta de maravilhas, o sereno frio começou a gotejar do céu escuro. Saí da festa e segui chorando pelas vielas até encontrar-me, altas horas, diante das areias molhadas da praia. Caí de joelhos e chorei o que me restava de forças. Eu a havia assassinado. Cego que estava de vingança, não medi as consequências mais que certas que o destino poderia reservar. Meus atos, até então medidos e inquestionáveis, curvaram-se diante da maldade para então me condenarem fragorosamente.

Levantei-me da areia e segui caminhando em direção ao mar que outrora pertencera ao francês Carlos Leblon... e a Bernardino José Ribeiro antes dele... e aos Franciscos Silva Melo e Nascimento de Almeida Gonzaga... que receberam de herança aquela faixa de litoral de seu tio moribundo Inácio da Silva Melo em 1843... que comprou tudo em 1820 de um João da Costa Passos, que recebera de herança a fazenda quando o pai Antônio dos Santos Passos passou em 1819... ora, que Antônio já havia recebido aquelas terras de seu tio Manoel dos



Santos Passos, que as comprara de Dona Aldonsa da Silva Rosa, chacareira de parte da então Fazenda Copacabana, como era chamada toda a Zona Sul da cidade lá por 1808.

Eu poderia continuar a voltar pelo tempo e dizer que aquela faixa toda era um refugio das terras de marinha que não prestavam para o Real Horto Botânico – hoje o Jardim Botânico, para os que desconhecem. E que tudo fizera parte do espólio de Rodrigo de Freitas, tendo sido desapropriado por D. João... que em sua visita ao local fora recebido por um abaixar de calças do feitor da fazenda e de seus escravos insolentes – todos insolentes!

Mas vamos ao que interessa: o fato de minha morte. Ou, ainda, de meu suicídio.

A água salgada e revolta molhou minhas pernas e minha cintura. Desequilibrei-me a dois metros da praia e bebi areia, sal e espumas. Ergui-me tossindo, engasgado. Não sabia se o que sentia na boca eram minhas lágrimas ou o aceno nada sutil do oceano que me chamava.

Vestido de minha culpa, de minha dor, de meu desespero, segui adiante para me abrigar nas águas da arrebentação, onde tinha o intento de acabar com a vida, uma vez que fizera o mesmo com Inácia. Não me detive um instante sequer. Fui fustigado pelas ondas do mar revoltado e percebi que a chuva se transformava numa torrencial despedida do cosmo. Da última vez que me desequilibrei, lembro de ter pensado que todas as minhas tentativas de salvar Inácia haviam acabado em frustração. Eu era um amante incompleto e incompetente. Morria sem ter

sentido o gosto de minha amada. Sequer de seu beijo. Morria afogado muito mais em minha incapacidade do que naquelas águas frias.

Afundi derradeiro no mar escuro e o peitoral metálico de cavaleiro incumbiu-se de carregar-me para o fundo. Não atingi as areias com vida. Afoguei-me às tantas horas e morri amargurado, como que arrebatado pelas mãos do destino inglório... por ter sido, em minha própria história, o vilão.

A Morte veio silenciosa e escura, a princípio. Mas não tardou o momento em que a luz veio ter comigo. Não, não a luz dos portões do Paraíso, porque estava certo de que estas nunca viriam ciceronear minha passagem. Nunca me banharia de seu calor. Mas senti algum, antes de abrir os olhos para o mundo infame outra vez. A princípio, não entendi o que via. Era o além vida uma cloaca que se abria em meu horizonte para defecar seus dejetos pútridos em minha testa lisa?

Consegui desviar um milésimo antes de ser atingido. Sentei-me aparvalhado e reconhecendo o lugar. Estava na praia. A mesma em que me penitenciara até decidir por arrancar-me da vida tal como pulgão da colheita. Era manhã e eu estava deitado na areia, a cabeça sob os remos de uma canoa arrastada da água. O marinheiro havia fincado os remos na areia e as pás alcançavam o céu. Uma gaivota fizera pouso numa delas e resolvera defecar em minha testa. Por sorte, acordei e escapei no segundo em que seria premiado. Assim, levantei aos trancos. Abanei as mãos e espantei a insolente ave. De início, ela não quis seguir

voo. Insisti e, só depois que novamente defecou, o animal alçou fuga rumo ao céu acinzentado da manhã.

Um burburinho tresloucado vinha da minha direita e voltei os olhos para lá. Um homem apontava em minha direção. Franzi o cenho e tentei distingui-lo ou o que dizia. Veio correndo e atrás dele uns policiais da manhã. Mais atrás, alguns desavisados seguiam, como que para verem alguma arte da natureza. Ou, ainda, para testemunharem que o pescador havia salvado do afogamento um cavaleiro andante com o elmo perdido. Empertiguei-me. Bati das roupas a areia e esperei. Vieram às pressas. À medida que se aproximavam, percebia melhor as palavras:

– Agarrou-se nas malhas da rede. Quando puxei, estava ele com esse peitoril reluzente.

– Foi ontem a festa daquele Barão, não foi? – um polícia especulou.

– E quiçá seria este mais uma vítima da funesta festança?

Ao ouvir isto, percebi que as lembranças me haviam deixado enquanto adormecido nas areias da praia. Por outra, habitavam ainda algum recôndito esquecido de minhas lembranças. Estavam lá e voltaram com o mais implacável dedo acusador. Baixei a cabeça para o chão quando os homens estavam a poucos passos de mim, apontando... apontando... dedos... para onde eu olhava agora!

Os homens não vinham em minha direção. Ou, melhor... vinham, mas... não para onde minha consciência encontrava-se por en-

tão. Vinham ver o corpo emaranhado ao lado da embarcação. O corpo entre as redes e com a cabeça perto dos remos cravados na areia. Vinham ver o defunto, eu, que fora pescado pelo dono do barco. Arregalei meus olhos e percebi que, embora estivesse ali, de pé, um outro eu, meu corpo sólido, jazia morto onde eu estivera há pouco, de onde eu levantara. E sobre a testa do morto estava um mingau pútrido feito dos despejos intestinais da gaivota.

– Santo Deus! – berrei de susto. Dei dois passos e tropecei em meus próprios pés. Não os meus, mas os do eu defunto. Estatelei na areia. As pessoas fizeram um círculo ao meu redor... ao redor de meu corpo. Arrastei-me, andando nas nádegas, para longe deles: horrorizado!

Eu estava morto! Morto! Morto! Morto! E meu corpo estava ali, enquanto minha alma, espírito ou sei lá o que temos depois da passagem, ainda possuía consciência. Eu estaria condenado a vagar, portanto de meu crime nefasto?

## **Nono ato**

### **De quando conheci o outro lado**

Vieram os salva-mares e levaram meu corpo para o rabeção, depois de uma hora ou tanto. Era alta a manhã quando enfim tomei coragem de levantar-me da areia. Deixei que levassem meu corpo e mal me despedi dele. Apenas um olhar de quina torta e levaram-no. Ou...

levaram-me, como saberei? Não importa mais. Separamo-nos. E fui vagar pelas redondezas e além delas.

Vaguei, vaguei, vaguei. Cheguei ao cais. Era incerto o meu caminho ou minha intenção era de fato um dos antros de luxúria e perdição a que me acostumara nas últimas semanas? O que posso testemunhar é que entrei naquela mesma adega em que conhecera Odete Emerenciana. Não a vi. Aliás, não encontrei viva alma. A porta estava aberta, mas porque lá de dentro vinham os ruídos das mulheres que faziam a faxina do lugar. Atravessei o salão emporcalhado por uma madrugada de perdição e cheguei à cozinha emporcalhada daquela latrina de prazeres hediondos. Tudo emporcalhado. As mulheres então...

Uma trupe delas, desgastadas pela noite de pecados pagos. É uma visão horrível, preciso dizer. Matronas amanhecidas: imagine que uma ressaca de três dias pudesse tomar forma e não apenas o gosto em sua boca; pois esta seria a visão de tais mulheres. Descabeladas, maquiagens borradas, olhos fundos, roupas tortas de tanto tirar e por...

Sentei-me numa banqueta perto da saída da cozinha para a área atrás da espelunca. As mulheres lavavam pratos, o chão, limpavam copos, estendiam panos. Passavam por mim sem me ver. Como veriam? Eu era apenas a consciência culpada de minha ex-existência. Iam e vinham. A certa altura, caminhei para a bancada do bar vazio e tentei servir-me uma caneca de aguardente. Não consegui. A garrafa e a caneca passavam por minhas mãos fantasmas sem que eu pudesse firmá-las. Depois de um tempo, desisti de meu intento. Percebi, por fim, que,

estando morto, haviam sido revogados todos os meus direitos básicos: não podia comer, beber e, menos ainda... copular. Uma última olhadela nas patrazanas além da cozinha, antes de sair, serviu para me trazer algum alívio neste último quesito. Se fossem os últimos espécimes da humanidade, era melhor que eu, defunto, não pudesse mesmo tocá-las.

Eca...

Ganhei as ruas outra vez. Que destino me havia sido dado? O de alma a vagar? Sim, porque até da estrebaria pulgenta do Paraíso eu havia sido expulso. Mesmo sem conhecê-la, entendia que não podia ser aceito lá. Portanto, que não houvesse outro martírio, outro inferno, seria condenado a vagar por botecos, pardieiros, bordéis... sem que deles pudesse gozar.

Pouco antes do meio-dia, resolvi escapar da zona portuária, com seus bêbados caídos na sarjeta, suas putas amassadas e murchas feito pão dormido e gazeteiros plantonistas em busca de réstias nos bolsos dos primeiros. Vagando pelas ruas do centro, passei a encarar a cidade com olhos de morto que perdera não apenas a vida, mas a eternidade perfeita e a moral... quiçá outras coisas... para um amor que nunca seria vivido.

Andarilho, caminhei do centro de volta para os bairros novos como alma a flutuar no limbo. Passei por pessoas, animais, plantas, bancos, praças, construções. Desolado, alcancei uma rua de que não me lembro o nome, mas já e outra vez nos Campos do Leblon. Pensava em Inácia, minha doce e inocente amada, assassinada, cortada da

vida por minha desgraçada mão desastrada. Aliás... que fim teria sido dado para a alma pura e inocente de minha amada Inácia? Parei diante duma capela minúscula cuja viela dava graça aos ares da praia, uns cem metros além, por entre outras construções e terrenos. Será que eu podia entrar? Queria rezar... não por minha alma já condenada. Não me sentia digno de sequer pedir perdão. Mas poderia, quem sabe, pedir pelo espírito sofredor de minha...

– Extra-extra-extra! Leiam sobre a morte do Barão na festança da alta sociedade! Extra-extra-extra!

Parei de olhos arregalados. Virei-me para todo canto e mirei o moleque de calças curtas e suspensórios lá adiante, na esquina da praia. Pisquei um número incontável de vezes. Assim, vestido ainda na armadura (que eu havia tentado tirar, sem sucesso, talvez por conta da ferrugem na tranca e na mola ao lado do peitoral, talvez porque estivesse fadado a usar aquela incômoda e ridícula vestimenta pelo resto da eternidade), desandei a correr até onde estava o moleque. Alguns outros andantes passavam e levavam o pasquim. Pegavam da mão do rapaziinho. Uma pilha de jornais estava a seu lado e ele sempre renovava o que estava em sua mão e era entregue aos curiosos.

Tentei pegar um que ele segurava. Minha própria mão fantasma passou pelo papel sem tocar em nada. Tentei um da pilha. Sem sucesso. Praguejei. Por fim, saí à caça de um leitor que havia se sentado num dos bancos da praça. Sentei-me ao lado dele e passei, ávido, à leitura que interessava a todos: a morte do Barão de Alquidar!

Mas como? Como?! O que havia...

A matéria contava que, à meia-noite e um, após o tradicional brinde de seu anfitrião (que era tratado pelo jornal como figura íntegra, ilustre e de coração agigantado), a recém desposada Baronesa de Alquidar (minha Inácia, se lhes escapa) teve um pequeno e curto mal-estar (senti uma súbita tontura ectoplasmática) e acudiram todos em seu favor. Um minuto após, caía o Barão, com os ares escapando das ventas, as faces rubras e os olhos esbugalhados. Largaram todos da Inácia e passaram a acudir o anfitrião, que a esta altura esticava para fora a língua gorda e sofria poderosas convulsões febris. Foi rapidamente acudido a um divã macio, aos pés do coreto, onde algumas senhoras fantasiadas de cortesãs descansavam, mas era tarde. Morrerá o copioso anfitrião.

A polícia foi chamada e, do alto de sua tenacidade e experiência, o inspetor geral sentenciara: envenenamento! A festa foi arrasada por “ohs” e “ahs” e um garçom era citado, no fim da página, como testemunha de que um cavaleiro andante de armadura havia mexido nas taças pessoais do Barão! A foto borrada de tinta vagabunda, ao lado da matéria, mostrava o inspetor ao lado do garçom e ao fundo minha Inácia encontrava-se desolada numa poltrona confortável. O homem de quem eu afanava a informação terminou a leitura e foi embora. Fechou o pasquim quando eu batia os olhos, uma última vez, na fotografia em preto e branco desbotada. E, de relance, reconheci o garçom!



Não podia ser!

Aparvalhado, corri-me... ou por outra, nem sei se voei ou nadei pelo ar. Não havia muro, porta ou parede que me fizesse frente. Atravessei-os como que por mágica. Passei por entre grades e bustos. Passei até por transeuntes desavisados (que sentiam um certo tremelique quando eu os transpassava) nas calçadas quase desertas do novo bairro. Quanto mais pensava naquela foto e na morte do Barão, mais urgência me acolhia. Por fim... cheguei aos muros da mansão. Parei diante do palacete agora silencioso – que pertencera ao velho Seixas, que acudiu escravos antes da abolição e escondia numa gruta em suas terras um quilombo inteiro.

Era tarde. O sol começara seu mergulho alaranjado no horizonte oceânico. Enchendo-me de coragem, atravessei o portão fechado, cruzei o jardim, flutuei pela cozinha, cheguei à sala da grandiosa construção onde morara o finado Barão. Estava tudo em silêncio. No jornal, diziam que o enterro seria na manhã seguinte. Por hoje, os médicos procuravam indícios profundos do envenenamento. No dia seguinte, ainda, eu saberia que o tal veneno era uma mistura porca e grotesca de cianuretos e outras pestilências menores, facilmente encontrado na corrente sanguínea e que deixavam marcas inconfundíveis nos defuntos.

Mas... o Cafetão havia dito que nunca saberiam do envenenamento, que a substância era perfeita....

Claro, tudo parte do engodo.

## **Décimo e último ato**

### **De quando conheci a verdade**

Quando comecei a subir as escadas, ouvi passos descendo. Levantei a cabeça. Mirei o homem gordo que descia a contar suas notas, lá do patamar superior. Vinha devagar e vestia-se mal e porcamente, como sempre. Era o pai de Inácia. Passou o dedo na língua umas quatro vezes, enquanto contava. Quando terminou, já estava em frente ao meu espírito espantado, sem me ver. Enfiou as notas num bolso e quando puxou de volta a mão, deixou cair dele um papel meio amassado. Era um cartaz de número de mágica e outras peças artísticas. Nele, um certo Magnífico Frederico Antero apresentava desvalidos e derrotados truques circenses numa bodega praticamente abandonada nas cercanias do Jockey Club.

Lembrei-me instantaneamente da conversa que tive com o pai de Inácia naquele inferninho de quinta. Ele havia dito que perdera os negócios em uma rodada de carteados com o Barão. Naquele jogo, o Barão representava um homem de uma cidade de interior chamada Arroio dos Perdidos. Não era isso que importava. Importava uma frase solta que o velho dissera: fui convencido com certa facilidade quando o Barão disse que jogaria em lugar do dono das carroças. Assim, apostei minha Bodega Puritana...

O velho atrapalhou-se ao me explicar, naquela oportunidade, que Bodega Puritana era o nome de seu mercado. Mentiroso sórdido! Olhando para o cartaz caído na sala da mansão, percebi que o desenho do nome era parecido... era o mesmo no letreiro destruído, jogado no beco ao lado da entrada da... bodega. Puxei em minha memória o quadro que vira por instantes, ao entrar naquele bar de perdidos. Tinha visto um “a” aqui e um “n” ali. Talvez um “P” e um “t” acolá. E a imagem de que eu me lembrava coincidia perfeitamente quando confrontada com aquele cartaz vagabundo: Bodega Puritana é o que estava pintado no letreiro abandonado.

O homem que saía a contar seus dinheiros era o dono da Bodega. E eu apostava meu corpo defunto no necrotério municipal que nem pai de Inácia era. Coisa nenhuma! Passei os olhos outra vez no cartaz. Era um artista. Era um enganador! E eu... e eu... eu eu...

Eu era o enrolado!

Antes de o ilusionista patife alcançar a saída da mansão, a porta se abriu e uma mulher veio de lá, apressada. Fez uma careta, que talvez fosse um riso. Era Odete. Vestia-se com o tradicional requinte de quenga. Parou no hall de entrada e estudou o gordo. Ele soltou um riso e um boas tardes meio ébrio. Ela grunhiu de volta.

– Vejo que já resgatou seu preço! – ela gemeu.

– Não sei que espécie de tramoia os três armaram para cima do barão e daquele outro idiota, de modo que quero apenas o que é meu e volto para meu buraco na parede.

– Isso, volte já para os ratos e as baratas do Jockey Club.

– Sabias que corre notícia de que o outro, o Pompílio, teria se afogado no mar ainda nesta madrugada?

– Ouvi. Menos mal. A polícia já estava mesmo à sua procura.

– Fico imaginando que espécie de cena é capaz de fazer um homem de bem como ele me parecia... Assassinar um barão de araque e depois arrancar a própria vida daquela maneira!

– Não houve cena. Ele o fez porque achava que devia. Além do mais, se houve trama, acho que deveria pensar duas vezes antes de perguntar por ela, porque enganou o puritano tanto quanto o resto de nós.

– Nem tanto.

Ele virou-se para a escada. Eu estava ali. Mas ele não me podia ver, claro.

– Diga à minha querida filha que não tornarei a vê-la tão cedo – ele emendou. Então... era mesmo pai de Inácia.

– Melhor seria nunca mais.

O homem virou-se para Odete. Arregalou os olhos como que espantado e ofendido. Depois deu uma gargalhada.

– Inácia agora é possuidora de dinheiros. Como poderia nunca mais tornar a vê-la?

– Você é um escroque.

– Tanto quanto você e nossa filha!

Ela ergueu aquele nariz aquilino e, seriamente contrariada, dei-

xou para trás o suposto consorte. Mas... então... Odete era mãe de Inácia. Eram todos... família!? Se podemos chamar aquilo de família!

A mãe, então, passou por mim e tomou o rumo do andar em que ficavam os quartos. Eu a segui, entre indignado e curioso pelo fim daquele mistério... mas já ciente do que poderia vir a seguir. Depois da sacada e de um longo corredor, ficava o quarto do Barão. Entrei nele enquanto a porta se fechava atrás de Odete. Passei por ela para ganhar a alcova de meus detratores. E enfim enxerguei a cena dantesca que previa. Inácia retirava-se para a casa de banho que ficava a uma porta do enorme quarto. Deitado em sua cama estava... o vil Cafetão. Era dele a foto de garçom no jornal. Estava no meio da cama, deitado como quem veio agora ao mundo. Tinha um sorriso sacrílego nos lábios e os olhos fechados revelavam que sonhava com uma vida de abundância e ócio. Maldito!

Odete parou a meio caminho da entrada da casa de banhos. Olhou para o despudorado na cama da filha e depois para a cabeceira da cama, de onde reconheci o pequeno frasco de veneno que eu usara na noite anterior. Puxei pela memória e me lembrei de que o havia esquecido sobre a mesa com as taças. Logo em seguida, entrara um garçom... Sabia agora, perfeitamente, quem era o serviçal de cabeça baixa de quem eu me escondera na ocasião. Parecia-me que ele havia tentando se esconder também. E agora eu tinha certeza disso. Não queria ser reconhecido.

– Por que ainda não deitou fora o veneno? – Odete perguntou.

O sujeito abriu os olhos.

– Porque mais tarde farei outra visita ao consultório do finado e lá deixarei a peça. Será uma pá de cal nos negócios que iniciamos.

Odete pensou um pouco. Fez um gesto com a boca, aceitando que aquela prova seria realmente minha cabal aceitação de culpa por parte dos investigadores.

Inácia entrou de volta no quarto. Vestia-se com as calçolas do despudor e os seios, em verdade meio flácidos, arrebitavam-se nus para o horizonte.

– Foi mesmo uma sorte que aquele traste se tenha afogado! – disse. Senti uma pontada no coração. Mas, claro, não tinha mais coração. Assim, mesmo, levei as mãos ao peito e abateu-se sobre meu espírito desencarnado uma vontade hercúlea de verter-me em lágrimas outra vez. Foi quando percebi o vulto no fim do quarto. Estava perto de uma cômoda muito antiga. Vestia-se de rei e observava tão curioso a cena quanto eu. Menos espantado, devo dizer.

– Poujou-nos o trabalho – o Cafetão disse. – Quando ele saiu da festa e esqueceu o frasco, fui depressa em seu encalço. Alcancei-o na praia. Quando ia me aproximar, ele se levantou e... sumiu no mar. Mal pude acreditar naquilo. Era mesmo um perfeito paspalho.

– Ainda não entendi porque simulou o mal-estar – Odete resmungou. Inácia colocava um vestido belíssimo, certamente presente do Barão e pediu que o Cafetão nu desse os laços das amarras em suas costas.

– Minha intenção era que o Doutor Pompílio viesse me acudir. Não sabíamos onde ele estava na multidão. Como poderíamos segui-lo se ele saísse sem ser visto? Imagine que, depois do Barão morto, a polícia chegasse a ele vivo?!

– Mas ele não a acudiu – o Cafetão interveio.

– Aquele paspalho! – Odete concluiu – Um covarde. Deve ter se bastado em culpa e remorso e nem conseguiu dar passo.

– Pois foi o que houve – o Cafetão disse. – Quando o Barão caiu e os convidados começaram a se aproximar, o único ser de pé, nas entradas do salão, era o bom doutor. Foi fácil segui-lo dali.

Enquanto eles falavam sordidamente, a figura vestida de rei nos fundos do quarto aproximou-se de mim. Claro, já devem saber, era o Barão. Não aparentava tristeza ou indignação. Parou ao meu lado. Achei que fosse me acusar de tê-lo assassinado, de acabar com sua vida.

– Pois que grande peça o destino nos pregou! – ele acabou dizendo.

– Sinto muito pelo...

O Barão balançou a mão, como se aquilo não fosse necessário.

– O doutor foi apenas um instrumento. Não tenho causa para acusar-lhe de nada. Fui tão patético e enganado quanto o senhor. Já ouvi, da boca dos miseráveis, o conto que lhe passaram. Pois aviso-lhe que Inácia nunca participou de família abastada, como já deve ter percebido. Nasceu em berço de perdidias. O pai era aquele raríssimo espé-

cime que escapou daqui há pouco. Deve tê-lo visto na sala de estar.

– Lamentavelmente.

– Fui convencido por um empregado meu... aliás, este traste em minha cama – ele apontou para o Cafetão – de que deveria ajudar uma donzela pura que, não tivesse a honra de meu socorro, acabaria caindo em vida. Assim, com a mais inocente das intenções, tornei-me o protetor de Inácia. Trouxe-a para morar em minha casa, paguei-lhe os estudos e... bem... deve ter acontecido com o doutor. Um dia, de um segundo para o outro, caíra de amores por ela. E me casei. Ponto.

– Maldita.

O velho riu.

– Não devias rir. São párias que encontraram um fim endinheirado e acabaram com a sua vida!

– Mas... meu caro doutor! Quem disse que já tiveram um fim?

– Estão ali, festejando nossa morte. E nós...

– O fim só é fato quando consumado.

– Mas fomos consumados!

– Quer apostar?

O Barão caminhou até a cômoda e voltou-se para mim. Olhou para os três perto da cama e então fez aquela coisa: deu um tapa num porta-retratos e ele voou pelos ares. Caiu depois da cama, quase tendo atingido o Cafetão.

– Deus do céu! – Odete gemeu. O Cafetão buscou o retrato em pedaços. Era de Inácia. Olhei para o Barão. Como ele conseguira tal



façanha?

– É a segunda vez que acontece! – Inácia murmurou.

– Há algo estranho nesta casa! O Barão nunca mencionou?

Ficaram os três conjecturando. Olhei de novo para o Barão.

– Basta se concentrar. Quer ver outra coisa?

Fiz que sim. O Barão soltou uma poderosa gargalhada. E os três devem tê-lo ouvido, mesmo que baixinho, porque olharam para os lados e para cima e para baixo... para todo canto, procurando. Olhos vidrados e apavorados.

– E se fugirem daqui, andarei em seu encalço até o hospício ou até imitarem o teu destino.

Eu meio que sorri. Estava gostando daquela maldade.

– E posso fazer o mesmo e aprender coisas piores para fazer com quem se associar ou sequer vender uma xícara a estes sujeitinhos baixos. O que me diz? – Barão perguntou.

Meu sorriso abriu-se definitivamente. E aceitei minha sina: terrível! Além disso, que mais havia de fazer? Se não podia mais nada, poderia pelo menos divertir-me com o desespero daqueles que me haviam destruído a vida: literalmente. E foi assim que se cumpriu minha escrita. A partir de então, passei a apavorar a mansão. Eu e o meu amigo, o Barão!

**Fim**

## **Um pobre DOUTOR perdido de amor**

(algumas notas sobre tragédias, fantasmas e músicas que contam histórias)

Sempre quis escrever uma música que contasse uma história com princípio, meio e fim. Infelizmente, toda tentativa me levava à história de amor de Eduardo e Mônica ou à trágica jornada de João de Santo Cristo. Renato Russo fez isso com tanta propriedade que parte de mim acreditava, de verdade, que esse... quase gênero musical lhe pertencia de direito. Claro que, antes dele, Chico Buarque nos apresentou à maldita Geni e ao seu terrível comandante do Zepelim, mas sou de uma geração que ouvia Legião Urbana como se o Renato estivesse sentado ali do lado narrando a história.

Até que comecei a pensar numa história de fantasmas enquanto segurava o violão e dedilhava as notas que acabariam servindo de estrado para a terrível sina de um pobre doutor perdido de amor.

Sempre fui apaixonado por histórias e músicas que mergulham seus personagens e compositores em mares de amor não correspondido, ou trágico, ou impossível. Daqueles que fizeram Cazuza cantar seu amor exagerado na canção que dividiu com Leoni. Aquelas paixões viscerais que carregam o indivíduo para os bares mais sujos, destravando sua língua com álcool em inconfidências vergonhosas.

E me lembrei que, antes mesmo de Legião Urbana ou o próprio Chico, eu adorava ouvir uma fita com várias canções do Nelson

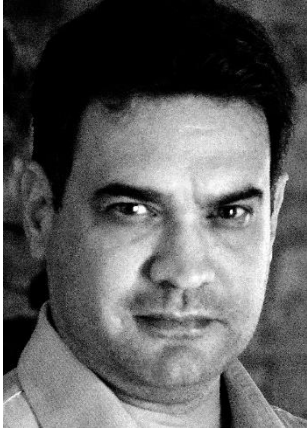
Gonçalves que minha mãe deixava tocando no 3x1 da sala. Uma das músicas era uma poesia em tango sobre um sujeito de boa índole e vida de virtudes que recusa um trago quando passa pelas portas de um bar – até transformar o ambiente peçonhento em sucursal de seu lar. Ainda cantarolo até hoje, vez por outra, a dramática “Hoje quem paga sou eu”, com a voz empostada que jamais conseguirá imitar o eterno boêmio.

Escrevi a letra de “A terrível sina do doutor Pompílio de Albuquerque” de uma tacada só, dividindo em versos que contam eternamente a sua trajetória inglória desde a virtude até a morte – e depois dela. E já com o conto em mente. Talvez seja a única da coletânea “Noites de tempestade” em que essa simultaneidade aconteceu; embora tenha criado a música primeiro, considero-a uma irmã gêmea que foi retirada do útero antes do irmão – o conto.

Espero de verdade que tenha se divertido com a história e se delicie com a singela canção que o Luiz Paulo Gordo e o Emanuel Domingues entregaram ao mundo.

Jefferson Sarmiento.

Outubro de 2018.



Jefferson Sarmiento é autor dos livros *Relicário da maldade*, *Os ratos do quarto ao lado*, *Velhos segredos de morte e pecados sem perdão* e *Alice em silêncio*, um apaixonado visceral por histórias tragicômicas e que resvalem no fantástico e no sobrenatural através das portas do amor.

Acesse: [www.youtube.com/jeffersonsarmiento](http://www.youtube.com/jeffersonsarmiento)  
[www.facebook.com/jefferson.sarmiento.escritor](http://www.facebook.com/jefferson.sarmiento.escritor)  
[www.jeffersonsarmiento.com.br](http://www.jeffersonsarmiento.com.br)